A referencialização indentificativa da personagem anónima na narrativa ficcional de José Régio

Maria José M. Madeira D'Ascensão
Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal
mariajma@estgp.pt

RESUMO

Visando as figuras anónimas que – não obstante o seu caráter inominado e desconhecido – são objeto de referencialização identificativa na narrativa ficcional regiana, focam-se, assim, quatro grupos referencializados mediante específicos designadores de caráter nominal e morfossintático que, em distintos processos de variabilidade, alternância e reverberação, se conjugam em determinadas relações de co-referenciação, estabelecendo-se, assim, a intenção regiana de relevar tais personagens que, à partida, seriam meros espectros.

Palavras-Chave: ***Régio; Personagens; Anónimos; Referencialização; Designadores.***

ABSTRACT

Aiming at the anonymous figures who - despite their unnamed and unknown character - are object of identification referencing in Régio's fictional narrative, this paper thus focuses on four groups referenced by means of specific nominal character and morphosyntactic designators that, in different variability, alternation and reverberation processes, are combined in certain co-referencing relations, establishing therefore the author's intention of revealing such characters who, otherwise, would have been, basically, mere spectres.

Keywords: ***Régio; Characters; Anonymous Figures; Referencing; Designators.***

Gide (1995: 61) aludia que "les personnages demeurent inexistants aussi longtemps qu'ils ne sont pas baptisés". E, de facto, a ausência de uma forma linguística de identificação das personagens representa nitidamente uma anulação da respetiva existência. Assim, os designadores linguísticos representam elementos fundamentais no processo da identificação das personagens (e, claro está, no respetivo processo de construção).

Neste âmbito específico da designação e da identificação das personagens, apartar-nos-emos, assim, da palavra "nomeação", pois que redutora, na medida em que pode ser associada à palavra que lhe serve de étimo e à respetiva noção kripkiana do "nome próprio" (Kripke, 1999: 13) que observa apenas os designadores rígidos. Na verdade, "[…] outras expressões, outras palavras, outros traços linguísticos – enfim, várias descrições definidas, vários designadores não rígidos – revelam-se basilares no ato de referencialização das personagens." (D'Ascensão, 2012: 15). Validaremos, então, neste sucinto enquadramento de concetualização teórica, o conceito de designação ou "referencialização identificativa" (Vieira, 2005: 43), visando que, "Como Ser de linguagem" que é, a personagem constitui o referente ou objeto de referência de unidades linguísticas que servem para o designar." (D'Ascensão, 2012: 28), sendo que tais designadores possibilitam, assim, a respetiva identificação e diferenciação relativamente a outras personagens. Ora, visando especificamente as personagens da narrativa ficcional regiana, segundo D'Ascensão (2012: 17-19), existem dois grupos ou categorias de designadores específicas que servem a respetiva referencialização identificativa. Uma das categorias – a de carácter nominal – cinge os prenomes, em variantes distintas; os sobrenomes ou apelidos; os nomes próprios, enquanto conjunto de prenome(s) e apelidos(s); os cognomes; as alcunhas ou anexins (simples e os compostos) e os diminutivos dos prenomes. A outra – a de carácter morfossintático – compreende os nomes (comuns e coletivos); os adjetivos substantivados; os numerais (ordinais e cardinais); os pronomes (pessoais, demonstrativos e indefinidos); as perífrases; os axiónimos e as formas de tratamento familiar. Estes distintos e diversos designadores figuram no texto em relações de variabilidade (que traduz a observância de preceitos estilísticos e gramaticais, pois o seu uso valida o enriquecimento estilístico e expressivo do texto e uma rejeição da redundância vocabular); de alternância rica e expressiva (com uma intencionalidade clara na caracterização das personagens) e de reverberação (que

visa a indigitação de características específicas das personagens) que se estabelecem numa cadeia de co-referenciação e que não suportam singularmente uma estética linguístico-literária. Neste âmbito, servem também estes a construção das próprias personagens, na medida em que, segundo D'Ascensão (2012: 21), se devem:

> à evolução natural da diegese em que começa por se promover a simples figuração e/ou apresentação da personagem, evoluindo-se para um aprofundamento da mesma; ao desenvolvimento da complexidade da personagem, à respetiva evolução de carácter psicológico, ao respetivo crescimento interior que nela aciona uma conduta diferente da que tinha até ao momento, um perfil ou até uma atitude inusitada que, por isso, surpreendem o leitor; ao destaque da multiplicidade de aspetos da personagem, em suma, de características e traços que apontam para a sua individualidade, a sua especificidade, a sua singularidade, a sua excelência; à demarcação do estatuto social, profissional, familiar e/ou afetivo de que a personagem é detentora, que se reflete indubitavelmente nos contornos da diegese e traduz uma intencionalidade regiana inequívoca; e à promoção do mistério ou anonimato de personagens extraordinárias.

Assinalando-se, assim, a referencialização identificativa das personagens na narrativa ficcional regiana que estabelece, por consequência, a respetiva construção, formam-se, num patamar de 654 figuras ficcionais, grupos que comungam do uso de determinados designadores de categorias nominais e morfossintáticas, visando específicas condicionantes de variabilidade, alternância e reverberação, em particulares relações de co-referenciação.

Aliada a esta categorização, determina-se, também, que nestes grupos as respetivas personagens partilham de uma ou mais características comuns. Neste âmbito, e no vasto agregado de figuras ficcionais da narrativa regiana, destacamos presentemente um grupo: o das personagens anónimas que constituem quase um terço da totalidade das existentes em tal *corpus*. Na verdade, esta parte em si própria extremamente relevante atinge maior proeminência se, paradoxalmente,

nos reportarmos à condição particular e incontornável do carácter inominado, ignoto, invisível e emudecido – e por isso, passível de ser menosprezado e ignorado – dos seres anónimos. Com efeito, "anónimo" é aquele que não revela o nome, sendo, assim, uma entidade desconhecida, misteriosa, traçada por (e em) veios de abstração, sendo, por isso, pouco rútila e, consequentemente, viabilizando uma identificação muito fosca. De facto, não é por acaso que Ribeiro & Lourenço, ao defenderem a existência social do ser anónimo, sustentam o respetivo "efeito de inexistência" que, numa aura de carácter fantasmagórico, é marcado pela ausência de um nome (Ribeiro & Lourenço, 2001: 116-117):

> O anônimo é o oculto e o silenciado mas, sobretudo é, o inexistente, o que não foi ainda ou o que nunca será incluído no trabalho incessante, realizado pela sociedade, de produção do discurso e de novas categorias. Sem dúvida, a denúncia do desaparecimento do que não existe aproxima-se de uma fantasmagoria, ameaçando o denunciador com os epítetos de Discurso tentativo sobre o anonimato farsante ou insano. Torna-se indispensável, porém, defender que o inominado existe, em meio ao intenso exercício de produção de nomeações que impede o seu reconhecimento como desafio societário.

Deste modo, como podemos nós identificar seres ficcionais que são entidades inexistentes? E como podemos, então, referenciá-los na medida em que são inomináveis? De facto, e em primeiro lugar, não devemos considerar que uma personagem anónima não seja identificável. Na verdade, perde a conotação do carácter inexistente a partir do momento em que representa um ser atuante, que age numa diegese. Mais: não podemos assumir que não seja referencializável apenas porquanto é inominado, ou seja, não é identificado mediante um nome. Com efeito, pode sê-lo através de inúmeros designadores tanto de carácter morfossintático, como mesmo de carácter nominal, isto se observarmos a diversidade destes últimos que não atenta apenas o nome.

Aspeto não menos relevante neste âmbito é que, na narrativa ficcional regiana em particular, há uma clara e intencional referencialização identificativa destas

personagens em particular. Na verdade, neste contorno, manifesta-se um propósito inequívoco: o do destaque delas, dos seus papéis, ou de traços que as imbuem e que importa relevar nas respetivas diegeses. Assim, o propósito deste relevo na construção particular deste tipo de personagem representa um traço caracteristicamente regiano, na medida em que:

> Na verdade, as personagens que representam Seres desconhecidos, e até com parco relevo na ação, veem, assim, a sua anonímia mais acentuada, pois que manifestam de forma segura e inabalável o seu carácter desconhecido, surpreendendo o leitor que se prepara constantemente para enfim "conhecer" tais Seres ficcionais . (D'Ascensão, 2012: 125).

Ainda, no contorno da referencialização identificativa das personagens anónimas da narrativa ficcional regiana, evidenciam-se alguns traços específicos que, aliados aos já referidos, permitem a respetiva inclusão em quatro grupos díspares. Deste modo, o primeiro é constituído por nove narradores anónimos. Na quase totalidade, estes assumem o papel de protagonistas nas ações por eles narradas (narradores autodiegéticos); todavia há, também, um narrador que narra a ação em que interveio, mas que não protagonizou (narrador homodiegético). Além do perfil generalista em comum de serem narradores, estas personagens, na sua maioria, partilham o facto de terem análoga referencialização dominante, feita mediante designadores de carácter morfossintático. Assim, grande parte destas personagens são referencializadas mediante designadores de carácter morfossintático, patentes em pronomes pessoais e possessivos que marcam a pessoa ou o ser vivente do narrador; a personalidade do ser ficcional. A referencialização destas vinca, mesmo, a existência de uma identidade que, não sendo nomeada, é uma presença incontornável na diegese pelo relevo que desempenha. O único narrador homodiegético ("Os Paradoxos do Bem") deste grupo não deixa de ter um papel fundamental na diegese que narra e em que interveio e, por isso, a sua existência é também fundamentada por este modo de referencialização e o seu destaque é relevado pelo carácter de pessoalidade adjudicado pelos pronomes que o referencializam. Neste grupo de narradores anónimos destacam-se, também, três personagens que são

alvo de uma referencialização identificativa ligeiramente diferenciada, justificada na intenção autoral de dotar estas personagens de particulares traços distintivos basilares no desenrolar e conclusão da diegese. Assim, apenas uma personagem anónima – o narrador-protagonista do conto "Sorriso Triste" – é referencializada pelos pronomes pessoais e possessivos alternados com axiónimos, visando-se uma identificação da vertente socioprofissional e económica desta. Deste modo, assim se justifica o respetivo afastamento em relação à personagem feminina com quem tinha desenvolvido uma relação amorosa, vincando-se a fronteira existente entre cada qual e concernentes condições, contestando-se, por fim, uma união que não era social e economicamente bem-vista porque inconveniente. Do mesmo modo, a referencialização identificativa dos restantes dois narradores-protagonistas anónimos é visada através da alternância de designadores de carácter morfossintático (pronomes pessoais e possessivos) com designadores de carácter nominal no conto "O Fundo do Espelho" (através do respetivo prenome) e no romance *Jogo da Cabra Cega* (com prenome e apelido). Ambos processos de referencialização contribuem para a identificação e caracterização das personagens, porém servem, também, e paradoxalmente, um aprofundamento do seu carácter abstrato e misterioso. Assim, no primeiro caso, visa-se uma personagem que, à beira da loucura, se vai abstraindo da realidade e refugiando no imaginário. O único uso do prenome a alternar com os pronomes pessoais e possessivos apenas serve a noção de que esta personagem nunca se concretiza, sempre se abstrai, enovelada numa loucura que gradualmente a subjuga. A segunda personagem é visada com a referencialização de prenome e apelido numa fase mais avançada do romance que protagoniza (no cap. VI), demarcando-se, deste modo, o uso deste designador apenas como uma máscara social. Na verdade, este ser desconhecido em nada se identifica com os restantes, isolando-se e alheando-se de quem o rodeia, representando uma figura alienada que se debate consigo própria.

Ao grupo de personagens anónimas, segue-se o segundo composto por cento e quarenta e três referencializadas com designadores de carácter morfossintático representados por nomes comuns, adjetivos substantivados, pronomes pessoais, demonstrativos, indefinidos, numerais, perífrases e axiónimos, em regime de alternância ou usados pontual ou isoladamente. Em comum, além desta forma de referencialização, partilham de uma "materialização, uma riqueza de traços, um

destaque e um papel na ação que lhes nega um suposto estatuto de meros espectros, sem contornos singulares e com simples figuração." (D'Ascensão, 2012: 129). De facto, este processo geralmente aponta para uma riqueza de traços descritivos que visam perfis físicos, psicológicos, de conduta, profissionais, de laços de parentesco e familiares. Assim, neste vasto segundo grupo, encontramos personagens anónimas que, mediante tal processo de referencialização identificativa, sofrem particulares realces, formando peculiares agregados de figuras ficcionais com específicas feições, designadamente: - o de Seres incógnitos e abstratos, com contornos mágicos e obscuros, que sofrem uma materialização e uma concretização, visando um domínio (supostamente) mais realista, como é o caso de, por exemplo, o "Génio da Floresta" que se substantifica no "Aio", no romance *O Príncipe com Orelhas de Burro*, ou dos três filhos do rei destronado, no conto "Os Três Vingadores ou Nova História de Roberto do Diabo", que se materializam nas figuras do "Cavaleiro da Máscara", do "Monge Negro" e de "alguém"; - o de personagens anónimas que se conclui serem dotadas de uma grande riqueza e profundidade, auferindo, em alguns casos, de um certo pendor de representatividade, como é o caso da "senhora" que vendera alguns dos seus pertences com valor de antiguidade ao narrador e que apresentava um comportamento complexo nitidamente tolhido pelos ditames da sociedade, no conto "As Historietas dum Coleccionador de Antiguidades"; - o de figuras ficcionais anónimas que, aparentando inicialmente serem meros figurantes, acabam por desempenhar um papel relevante nas respetivas diegeses, sendo denotadoras de um certo destaque e fulgor. Neste âmbito, podemos enquadrar, por exemplo, as inúmeras personagens individuais e coletivas, sem nome, que o príncipe conhece no seu curto período de vivência anónima na cidade, no romance *O Príncipe com Orelhas de Burro*. De facto, todas elas "servem de mote a uma transfiguração da consciência psicológica, social e humana do príncipe: à formação de um novo pensamento; ao enriquecimento do seu interior" (D'Ascensão, 2012: 139); o das personagens anónimas que têm um papel atuante dinâmico e um percurso significativo nas respetivas diegeses, como é o caso das figuras que ilustram o espaço físico e social obscuro e intimidante das ruas do Porto percorridas pelo jovem Lélito, quando este foge do colégio, no romance *A Velha Casa I – Gota de Sangue*; os daquelas que representam determinado extrato socioprofissional e que, por isso, têm um papel concreto e marcante em certos pontos decisivos da

ação. Neste caso, podemos assinalar, a título de exemplo, as "criadas" do conto "O Vestido Cor de Fogo," que são coniventes com os interesses fúteis e levianos da patroa, ao partilharem com ela bisbilhotices e conversas grosseiras, denunciando, perante o marido da mesma, a essência mascarada desta última personagem que, na verdade, menosprezava a discrição, a elegância e a distinção da classe social que lhe era atribuída; o das figuras ficcionais anónimas que, sustentando relações/laços familiares com outras, são marcadas pela negligência e menosprezo no acompanhamento afetivo e formação moral e sócio-afetiva desses (como é o caso da filha da Tó-Carocha, no romance *A Velha Casa III – Os Avisos do Destino*) ou pela relação de cumplicidade, afeto e amor incondicional que toca o indizível pela sua extraordinária dimensão (como é o caso do neto e da sua avó, no romance *O Príncipe com Orelhas de Burro*). Entretanto, na narrativa ficcional regiana, forma-se um terceiro grupo de personagens anónimas que constituem alvos de outro particular processo de referencialização identificativa: mediante designadores de carácter nominal como prenomes simples e prenomes com apelidos ou simplesmente apelidos. Neste conjunto de quarenta e cinco Seres ficcionais, o uso específico destes designadores visa identificar e distinguir as personagens anónimas que apresentam traços de genuinidade daquelas que têm traços de falsidade. Deste modo, trinta e seis personagens anónimas são referencializadas com prenomes simples, denotando serem dotadas de uma grande autenticidade, independentemente da benignidade (ou não) de valores e atitudes que escoram e nove são referencializadas com designadores representados por prenomes com apelidos, ou apenas apelidos, representando carácteres frívolos e ocos. Por fim, o quarto e último grupo de personagens anónimas com uma referencialização identificativa peculiar reporta-se a apenas duas figuras cuja referencialização se faz mediante o uso inicial de vários designadores de carácter morfossintático que subitamente são substituídos por outros de carácter nominal no patamar da homonímia. Especificamente, focamos duas personagens anónimas com o mesmo nome – Jaime Franco –, que em distintas diegeses (um no romance *Jogo da Cabra Cega* e o outro nos romances *A Velha Casa III – Os Avisos do Destino*, *IV – As Monstruosidades Vulgares e V – Vidas São Vidas*) sofrem um processo de referencialização similar que acaba por possibilitar apenas a nomeação – e nunca a concretização – do ser ficcional em

causa, na medida em que este permanece sempre misterioso e ignoto. Na verdade, assim se demonstra que as personagens anónimas na narrativa ficcional regiana são alvos incontestáveis de um processo de referencialização identificativa diversa e rica. De facto, a variedade de designadores de carácter morfossintático e nominal, norteados por relações de variabilidade, alternância e reverberação, em particular relações de co-referenciação, possibilitam a formação dos já apresentados quatro grandes grupos que demarcam características próprias. Deste modo, as personagens anónimas regianas que representam seres incógnitos veem paradoxalmente – com a referencialização identificativa de que são alvo – a sua anonímia e o seu carácter desconhecido ainda mais acentuados. E, com efeito, surpreendem o leitor que se prepara constantemente para "conhecer" tais seres ficcionais, objetivando trazê-los, então, para um "plano mais real". Todavia, tal concretização é gorada e José Régio faz-nos também concluir isso através de uma destas personagens anónimas, o narrador-protagonista do *Jogo da Cabra Cega*, quando este refere:

> Sentia-me empalidecer, porque uma voz gritara em mim: «É ele!» Só então me lembrei de que em verdade ele não era conhecido na terra. E se logo me aparecera como desconhecido, a esta qualificação de desconhecido não ligara eu a significação concreta de alguém que nunca vira pelos pequenos centros locais, nem parecia dever ser amigo, ou parente, de qualquer nosso conhecido. Para que o termo desconhecido que eu logo lhe aplicara se concretizasse, fora preciso que só com se referir a ele (pois sem dúvida se lhe referia) o meu interlocutor o trouxesse a um plano mais real… (Régio, 1982: 38).

BIBLIOGRAFIA

Alford, Richard, 1988, *Naming and Identity*, New Haven, HIRAF Press.
D'Ascensão, Maria José M. Madeira, 2012, "O rol de quantas máscaras usei…", *A Referencialização Identificativa da Personagem na Narrativa Ficcional de José Régio,* Tese de Doutoramento em Letras sob a orientação de Gabriel Magalhães e Co-orientação de José Rosa, Universidade da Beira Interior, texto policopiado.
Gide, André, 1995, *Journal des Faux-monnayeurs*, Paris, Gallimard.
Glaudes, Pierre & Reuter, Yves, 1988, *Le Personnage,* Paris, Presses Universitaires de France.
Kripke, Saul, 1999, *La Logique des Noms Propres*, trad. Pierre Jacob et François Recanati, Paris, Les Editions de Minuit.
Régio, José, 1982, *Jogo da Cabra Cega*, 4ª edição, Porto, Brasília Editora.
Régio, José, s.d., *O Príncipe com Orelhas de Burro*, 4ª edição, Lisboa, Inquérito.
Régio, José, 2007, *Obra Completa: Contos e Novelas*, Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda.
Régio, José, 1981, *Obras Completas: A Velha Casa I — Gota de Sangue*, 4ª edição, Lisboa, Brasília Editora.
Régio, José, 1972, *Obras Completas: A Velha Casa II — As Raízes do Futuro*, 2ª edição, Lisboa, Brasília Editora.
Régio, José, 1980, *Obras Completas: A Velha Casa III — Os Avisos do Destino*, 3ª edição, Lisboa, Brasília Editora.
Régio, José, 1985a, *Obras Completas: A Velha Casa IV — As Monstruosidades Vulgares,* 3ª edição, Lisboa, Brasília Editora.
Régio, José, 1985b, *Obras Completas: A Velha Casa V — Vidas São Vidas*, 3ª edição aumentada com os Rascunhos para o 6º volume de A Velha Casa, Lisboa, Brasília Editora.
Ribeiro, Ana Clara Torres & Lourenço, Alice, 2001, "Discurso Tentativo sobre o Anonimato", *in Sociedade e Estado*, Brasil, Brasília, vol. 16, pp. 113-132.
Vieira, Cristina Maria da Costa, 2005, *A Construção da Personagem Romanesca: Processos Definidores*, Tese de Doutoramento em Letras sob orientação de Maria Antonieta Garcia, Universidade da Beira Interior, texto policopiado (Tese editada segundo a referência bibliográfica: Vieira, Cristina Costa, 2008, *A Construção da Personagem Romanesca: Processos definidores*, Lisboa, Colibri).